Capítulo 1

O que é o Pós-modernismo?

A vanguarda pós-moderna

Hoje em dia, é corrente a ideia de que ingressamos em uma nova era intelectual. Somos pós-modernos agora. Os intelectuais mais proeminentes afirmam que o Modernismo morreu e que estamos à beira de uma época revolucionária — livre dos cerceamentos opressivos do passado, mas, ao mesmo tempo, inquieta, em razão de suas expectativas para o futuro. Até mesmo os oponentes do Pós-modernismo, examinando a cena intelectual e nada satisfeitos com o que observam, reconhecem a presença de uma nova vanguarda. Está ocorrendo uma troca da guarda no mundo intelectual.

Os nomes da vanguarda pós-moderna são hoje famosos: Michel Foucault, Jacques Derrida, Jean-François Lyotard e Richard Rorty. São eles seus principais estrategistas. São eles que ditam os rumos do movimento e o municiam com as ferramentas mais potentes.

A vanguarda é auxiliada por outros nomes ilustres e conhecidos: Stanley Fish e Frank Lentricchia, na crítica literária e jurídica; Catherine MacKinnon e Andrea Dworkin, na crítica jurídica feminista; Jacques Lacan, na Psicologia; Robert Venturi e Andreas Huyssen, na crítica da Arquitetura, e Luce Irigaray, na crítica científica.

São os membros desse grupo de elite que dão o tom e a direção ao universo intelectual pós-moderno.

Michel Foucault identificou os alvos principais: "Todas as minhas análises se opõem à ideia de que existem necessidades universais na existência humana".[1] Essas necessidades devem ser abolidas, pois são fardos do passado: "Não faz sentido falar em nome da Razão, da Verdade ou do Conhecimento — e nem mesmo contra eles"[2].

Richard Rorty aprofundou-se nesse tema, explicando que isso *não* quer dizer que o Pós-modernismo seja verdadeiro ou que propicie conhecimento. Afirmações desse tipo seriam uma contradição em si, por isso os pós-modernistas devem usar a linguagem "com ironia".

> A dificuldade que se apresenta a qualquer filósofo que, como eu, simpatize com essa proposição [por exemplo, a de Foucault] — que se considere mais como um auxiliar de poeta do que um auxiliar de médico — é esquivar-se à sugestão de que essa proposição encerra alguma verdade, que o meu tipo de filosofia corresponde ao que as coisas realmente são. Pois essa conversa de correspondência traz de volta justamente a ideia que o tipo de filósofo que sou deseja descartar: de que o mundo ou o ser tem uma natureza intrínseca[3].

Se não há mundo nem ser que, em si mesmo, possamos compreender e corrigir, então qual é o propósito do pensamento ou da ação? Tendo desconstruído a razão, a verdade e a ideia de que existe uma correspondência entre pensamento e realidade, e então, finalmente, as descartado ("a razão", escreve Foucault, "é a derradeira linguagem da loucura")[4], nada

resta para nortear ou cercear nossos pensamentos e sentimentos. Assim sendo, podemos fazer ou dizer o que bem entendermos. A desconstrução, diz Stanley Fish em alegre confissão, "me libera da obrigação de ser correto… e exige apenas que eu seja interessante"[5].

Muitos pós-modernistas, porém, demonstram mais pendor para o ativismo político que para o jogo estético. Muitos desconstroem a razão, a verdade e a realidade por acreditarem que, em nome da razão, da verdade e da realidade, a civilização ocidental espalhou a dominação, a opressão e a destruição. "A razão e o poder são uma coisa só", declara Jean-François Lyotard. Ambos levam a "prisões, proibições, processo de seleção, bem público"[6], dos quais são sinônimos.

O Pós-modernismo torna-se então uma estratégia ativista contra a coalizão da razão e do poder. Frank Lentricchia explica que o objetivo do Pós-modernismo "não é encontrar o fundamento e as condições da verdade, mas exercer o poder tendo em vista a mudança social". A tarefa dos professores pós-modernos é ajudar os alunos a "identificar, confrontar e trabalhar contra os horrores políticos de sua época"[7].

Esses horrores, de acordo com o Pós-modernismo, são mais pronunciados no Ocidente, já que foi na civilização ocidental que a razão e o poder mais floresceram. Mas a dor causada por esses horrores não inflige a todos, nem tampouco são todos que a padecem. Homens, brancos e ricos têm nas mãos a chibata do poder e a aplicam cruelmente à custa das mulheres, das minorias raciais e dos pobres.

O conflito entre homens e mulheres é brutal. Escreve Andrea Dworkin: "A transa normal por um homem normal é considerada um ato de invasão e de posse, realizado como uma forma de predação".

Essa percepção incomum acerca da psicologia sexual masculina coincide com a experiência sexual das mulheres, que a confirmam: As mulheres têm sido propriedade dos homens como esposas, prostitutas, escravas sexuais e reprodutoras. Ser possuída e ser submetida ao ato sexual são ou foram experiências quase sinônimas na vida das mulheres. Ele possui você; ele subjuga sexualmente você. A transa denota a natureza da posse: ele a possui de dentro para fora[8].

Dworkin e sua colega, Catharine MacKinnon, defendem a censura da pornografia com base em argumentos pós-modernos. Nossa realidade social é construída pela linguagem que usamos, e a pornografia é uma forma de linguagem — do tipo que constrói uma realidade de dominação violenta à qual as mulheres devem se submeter. Portanto, pornografia não é liberdade de expressão, mas opressão política[9].

Os pobres também sofrem violência nas mãos dos ricos, assim como as nações em conflito, nas mãos das nações capitalistas. Citando um exemplo notório, Lyotard chama-nos a atenção para o ataque americano ao Iraque na década de 1990. Apesar da propaganda

americana, escreve Lyotard, o fato é que Saddam Hussein foi uma vítima e um representante das vítimas do imperialismo americano pelo mundo.

> Saddam Hussein é produto dos departamentos de Estado e das grandes empresas do Ocidente, assim como Hitler, Mussolini e Franco, que nasceram da "paz" imposta a seus países pelos vitoriosos da Grande Guerra. Saddam é esse mesmo produto em uma versão ainda mais clara e cínica. Mas o ditador do Iraque, tal como os outros, é fruto da transferência das aporias (problemas insolúveis) do sistema capitalista para os países derrotados, menos desenvolvidos ou simplesmente menos resistentes[10].

No entanto, a situação de opressão em que vivem as mulheres, os pobres, as minorias raciais e outros quase sempre é velada nas nações capitalistas. A retórica de tentar deixar para trás os erros do passado, a retórica do progresso e da democracia, da liberdade e da igualdade perante a lei — toda essa retórica em causa própria — serve apenas para mascarar a brutalidade da civilização capitalista. Raramente conseguimos ter uma visão honesta de sua essência oculta. Para isso, Foucault recomenda que olhemos para os presídios: A prisão é o único lugar onde o poder se manifesta em sua nudez, em sua forma mais extrema, e onde se justifica como força moral. (…) O que há de fascinante nas prisões é que ali, pelo menos, o poder não se esconde nem dissimula; ele se revela como a busca da tirania em seus mínimos detalhes; é cínico e ao mesmo tempo puro, inteiramente "justificado", pois seu exercício pode enquadrar-se totalmente nos parâmetros da moralidade. Consequentemente, sua tirania brutal apresenta-se como o sereno domínio do Bem sobre o Mal, da ordem sobre a desordem[11].

Finalmente, Jacques Derrida identifica a filosofia do marxismo como a fonte filosófica e de inspiração do Pós-modernismo, como aquilo que conecta as questões abstratas e técnicas da linguística e da epistemologia ao ativismo político: A desconstrução só tem sentido ou interesse, pelo menos a meu ver, como radicalização, isto é, também *na tradição* de um certo marxismo, em um certo *espírito do marxismo*[12].

Moderno e pós-moderno

Todo movimento intelectual se define por suas premissas filosóficas fundamentais. Essas premissas estabelecem o que se considera real, o que é ser humano, o que tem valor e como se adquire conhecimento. Ou seja, todo movimento intelectual tem uma metafísica, uma concepção da natureza e dos valores humanos e uma epistemologia.

O Pós-modernismo com frequência se declara antifilosófico, no sentido de que rejeita muitas das alternativas filosóficas tradicionais. No entanto, qualquer declaração ou atividade, incluindo a ação de escrever uma explicação pós-moderna para seja lá o que for, pressupõe pelo menos uma concepção implícita de realidade e de valores. Portanto, apesar de seu desprezo oficial por certas versões do abstrato, do universal, do estabelecido e do preciso, o Pós-modernismo oferece um arcabouço consistente de premissas no qual situar nossos pensamentos e ações.

Resumindo as citações acima, temos o seguinte: *Do ponto de vista metafísico*, o Pós-modernismo é antirrealista, pois afirma que é impossível falar, de alguma maneira que faça sentido, sobre uma realidade com existência independente; em vez disso, o Pós-modernismo propõe uma descrição construcionista e sociolinguística da realidade. *Do ponto de vista epistemológico*, ao rejeitar a noção de uma realidade com existência independente, o Pós-modernismo nega a razão ou qualquer outro método como meio de adquirir conhecimento objetivo dessa realidade. Ao substituir essa realidade por construtos sociolinguísticos, o Pós-modernismo enfatiza a subjetividade, a convencionalidade e a incomensurabilidade dessas construções.

As descrições pós-modernas da *natureza humana* são persistentemente coletivistas, sustentando que a identidade dos indivíduos é construída em grande parte pelos grupos sociolinguísticos de que eles fazem parte — grupos esses que variam radicalmente em termos de sexo, raça, etnia e riqueza.

As descrições pós-modernas da natureza humana também enfatizam insistentemente as relações de conflito entre esses grupos; e uma vez que atenuam ou eliminam o papel da razão, as descrições pós-modernas afirmam que esses conflitos se resolvem principalmente pelo uso da força, seja ela explícita ou dissimulada. O uso da força, por sua vez, leva a relações de dominação, submissão e opressão. Por fim, os temas pós-modernos na *ética e na política* caracterizam-se por uma identificação e simpatia com os grupos tidos como oprimidos nesses conflitos e por uma disposição em entrar na briga por eles.

O termo pós-*moderno* situa o movimento em uma posição histórica e filosófica contrária ao modernismo. Assim sendo, para formular uma definição do Pós-modernismo, será útil primeiro entender quais são os elementos que esse movimento rejeita e pretende ultrapassar. O mundo moderno existe há vários séculos e, depois de todo esse tempo, temos

já uma boa noção do que é o Modernismo.

O Modernismo e o Iluminismo

Na Filosofia, os fundamentos do Modernismo residem nas figuras formadoras de Francis Bacon (1561-1626) e René Descartes (1596-1650), por sua influência sobre a epistemologia, e, de maneira mais abrangente, em John Locke (1632-1704), por sua influência sobre todos os aspectos da Filosofia.

Bacon, Descartes e Locke são modernos por causa de seu naturalismo filosófico, sua profunda confiança na razão e, especialmente no caso de Locke, seu individualismo.

Os pensadores modernos partem da natureza, não de algum elemento sobrenatural, que foi o ponto de partida característico da filosofia medieval, pré-moderna. Os pensadores modernos enfatizam que a percepção e a razão são os meios de que o ser humano dispõe para conhecer a natureza – contrariando a confiança dos pré-modernos na tradição, na fé e no misticismo.

Os pensadores modernos enfatizam a autonomia e a capacidade do ser humano de formar seu próprio caráter — ao contrário dos pré-modernos, que insistiam na submissão e no pecado original. Os pensadores modernos enfatizam o indivíduo, que eles consideram como a unidade da realidade, sustentando que a mente do indivíduo é soberana e que o indivíduo é a unidade de valor — ao passo que para os pré-modernos a ênfase estava na subordinação feudal do indivíduo a realidades e autoridades superiores — políticas, sociais ou religiosas[13].

Quadro 1.1. Definição de Pré-modernismo e Modernismo

	Pré-modernismo	**Modernismo**
Metafísica	Realismo:supranaturalismo	Realismo: naturalismo
Epistemologia	Misticismo e/ou fé	Objetivismo: experiência e razão
Natureza humana	Pecado original; submissão à vontade de Deus	*Tabula rasa* e autonomia
Ética	Coletivismo: altruísmo	Individualismo
Política e Economia	Feudalismo	Capitalismo liberal
Quando e onde	Idade Média	Iluminismo; século 20: ciências, atividades comerciais, áreas técnicas

A Filosofia Moderna chegou à maturidade no Iluminismo. Os *philosophes* iluministas consideravam-se radicais, e com razão. A visão de mundo pré-moderna, medieval, e a visão de mundo iluminista eram explicações coerentes, completas — e totalmente

antagônicas — da realidade e do lugar que os seres humanos ocupavam nela.

O medievalismo dominara o Ocidente por mil anos, de aproximadamente 400 a 1400. No período de transição que se estendeu por séculos, os pensadores do Renascimento, com a ajuda involuntária das principais figuras da Reforma, minaram a visão de mundo medieval e pavimentaram o caminho para os revolucionários dos séculos 17 e 18.

No século 18, a Filosofia Pré-moderna da Era Medieval havia se arraigado entre os intelectuais, por isso os *philosophes* agiam rápido para transformar a sociedade com base na nova Filosofia Moderna.

Os filósofos modernos discordavam entre si em várias questões, mas sua concordância em pontos essenciais superava as divergências.

A descrição que Descartes faz da razão, por exemplo, é racionalista, enquanto a de Bacon e Locke é empiricista, o que os colocou na liderança de escolas rivais. Mas um aspecto era fundamental para os três: a posição central da razão como faculdade objetiva e competente — opondo-se à fé, ao misticismo e ao autoritarismo intelectual dos períodos anteriores. Com a razão ocupando agora um lugar de honra, todo o projeto do Iluminismo floresce.

Se enfatizamos que a razão é uma faculdade do indivíduo, então o individualismo passa a ser o tema essencial da Ética. *Carta sobre a tolerância* (1689) e *Dois tratados sobre o governo* (1690), de Locke, são textos que se tornaram referência na história moderna do individualismo. Ambos relacionam a capacidade humana de raciocínio com o individualismo ético e suas consequências sociais: proibição do uso da força contra o discernimento e a ação independentes de outra pessoa, direitos individuais, igualdade política, restrições ao poder do governo e tolerância religiosa.

Se ressaltamos que a razão é a faculdade que nos permite compreender a natureza, então essa epistemologia, quando sistematicamente aplicada, dá origem à Ciência.

Os pensadores iluministas assentaram os alicerces de todos os ramos mais importantes da Ciência. Na Matemática, Isaac Newton e Gottfried Leibniz desenvolveram o Cálculo — Newton criou sua versão em 1666 e Leibniz publicou a dele em 1675.

A publicação mais grandiosa da história da Física Moderna, *Principia mathematica*, de Newton, foi lançada em 1687.

Um século de investigações e realizações sem precedentes levou à produção de *Systema naturae* (1735) e *Philosophia botanica* (1751), ambos de Carolus Linnaeus, que apresentavam, em conjunto, uma abrangente taxonomia biológica, e do *Traité élémentaire de chimie* (*Tratado elementar de Química*) em 1789, texto que estabeleceu os fundamentos da Química.

O individualismo e a Ciência são, portanto, fruto de uma epistemologia da Razão. Aplicados sistematicamente, ambos acarretam consequências de grande impacto.

Aplicado à política, o individualismo leva à democracia liberal. O liberalismo é o princípio da liberdade individual, e a democracia, o princípio da descentralização do poder político para os indivíduos. À medida que o individualismo se expandia no mundo moderno, o feudalismo declinava. A Revolução Liberal de 1688 na Inglaterra inaugurou essa tendência. Os princípios políticos modernos se difundiram até os Estados Unidos e a França no século 18, desencadeando nesses países as revoluções liberais de 1776 e 1789.

O enfraquecimento e a derrubada dos regimes feudais possibilitaram então que os ideais individualistas liberais se estendessem na prática a todos os seres humanos. O racismo e o sexismo são afrontas evidentes ao individualismo e, portanto, foram recuando mais e mais ao longo do século 18.

Pela primeira vez na história, formaram-se associações em favor da abolição da escravidão — nos Estados Unidos em 1784, na Inglaterra em 1787, e um ano depois na França; 1791 e 1792 assistiram à publicação da *Declaração dos Direitos da Mulher*, de Olympe de Gouges, e da *Reivindicação dos Direitos da Mulher*, de Mary Wollstonecraft, marcos na luta pela liberdade e igualdade das mulheres[14].

Aplicado à Economia, o individualismo cria os mercados livres e o capitalismo. A economia capitalista se baseia no princípio de que os indivíduos devem ter liberdade para tomar suas próprias decisões com respeito à produção, consumo e comércio.

Com a ascensão do individualismo no século 18, os argumentos e instituições feudais e mercantilistas perderam a força. O desenvolvimento de mercados livres deu início a uma compreensão teórica acerca do impacto produtivo da divisão do trabalho e da especialização, bem como do impacto retardativo do protecionismo e de outras regulações restritivas.

Valendo-se dessa visão e ampliando-a, *A riqueza das nações*, de Adam Smith, publicado em 1776, tornou-se a obra de referência na história da Economia Moderna. Teoria e prática se desenvolveram em conjunto, e à medida que os mercados se tornavam mais livres e mais internacionais, o volume de riqueza disponível aumentou drasticamente. Por exemplo, segundo estimativas da N. F. R. Crafts, aceitas tanto pelos historiadores que defendem como pelos que combatem o capitalismo, a renda anual média dos britânicos registrou um crescimento nunca antes visto na história: de $333 em 1700, passou a $399 em 1760, $427 em 1800, $498 em 1830, quando então deu um grande salto para $804 em 1860[15].

A ciência aplicada sistematicamente à produção material faz desenvolver a Engenharia e a Tecnologia.

A nova cultura do raciocínio, da experimentação e do empreendedorismo, aliada ao livre intercâmbio de ideias e riqueza, possibilitou que cientistas e engenheiros de meados

da década de 1700 adquirissem conhecimentos e criassem tecnologias em uma escala até então desconhecida.

A consequência mais notável desse avanço foi a Revolução Industrial, que metaforicamente ganha vapor nos anos 1750 e literalmente ganha vapor a partir de 1769, com o sucesso do motor inventado por James Watt.

A máquina de fiar hidráulica de Thomas Arkwright (1769), a máquina de fiar rotativa (*spinning jenny*) de James Hargreave (c. 1769) e a máquina de fiar intermitente (*spinning mule*) de Samuel Crompton (1779) revolucionaram a fiação e a tecelagem. Entre 1760 e 1780, por exemplo, o consumo de algodão cru na Grã-Bretanha cresceu 540%, passando de 1,2 para 6,5 milhões de libras.

Por um tempo, os ricos se mantiveram fiéis aos produtos artesanais, de modo que os primeiros artigos produzidos nas novas fábricas eram itens baratos, para consumo das massas: sabão, vestuário e roupas de cama de algodão, sapatos, louças Wedgwood, utensílios de ferro *etc*.

A Ciência, quando aplicada à compreensão dos seres humanos, dá origem à Medicina.

Os novos métodos de compreensão dos seres humanos como organismos naturais se baseavam nos novos estudos, iniciados no Renascimento, sobre a fisiologia e a anatomia humanas. As explicações supranaturalistas das enfermidades humanas (e outras descrições pré-modernas) foram sendo descartadas, na segunda metade do século 18, à medida que a Medicina ia se firmando cada vez mais em fundamentos científicos.

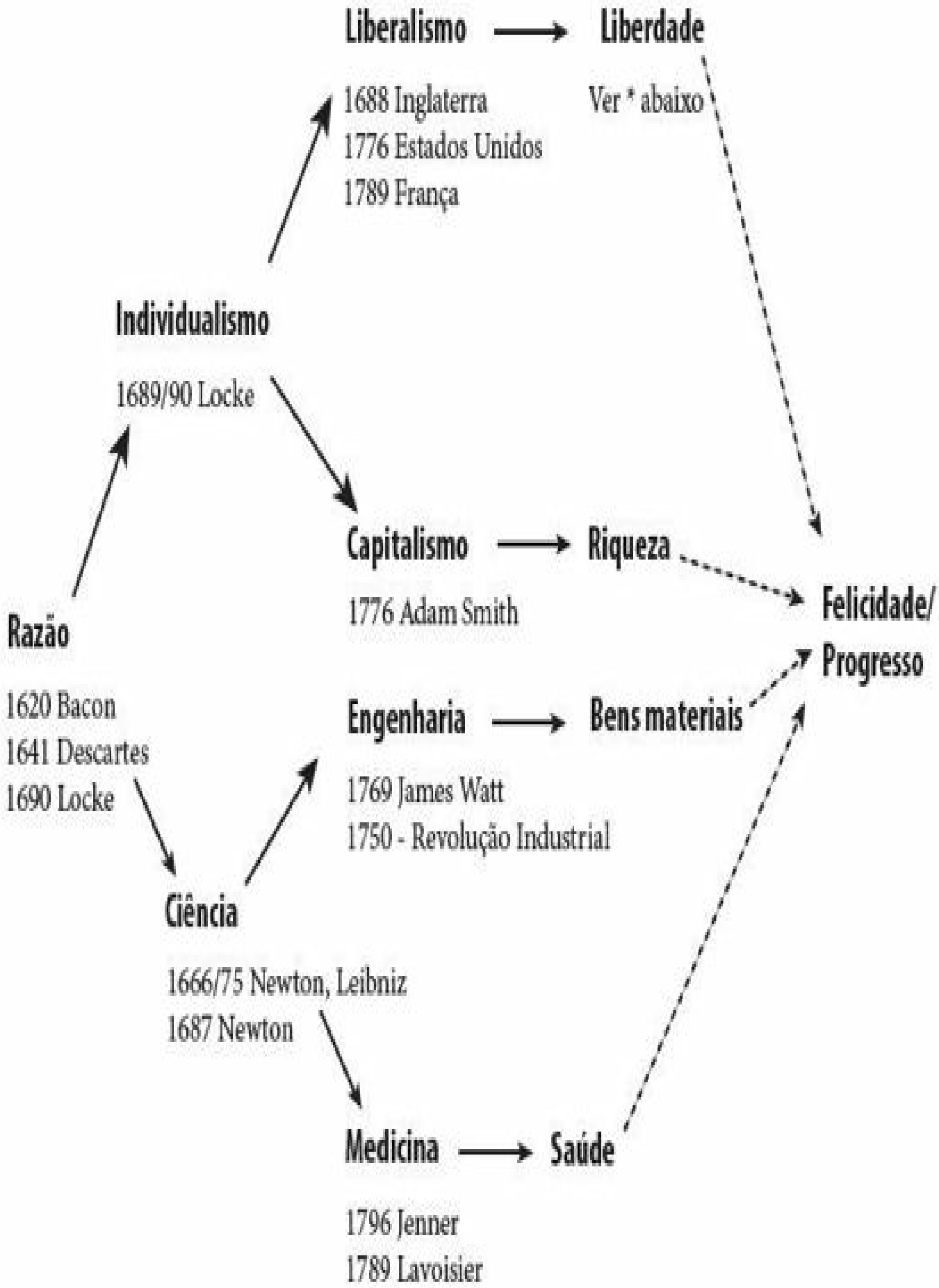
A consequência mais notável dessa mudança foi que, aliada ao crescimento da riqueza, a Medicina Moderna aumentou consideravelmente a longevidade humana. Para citar um exemplo, a descoberta da vacina contra a varíola por Edward Jenner, em 1796, forneceu uma proteção contra a principal causa de óbitos do século 18 e deu origem à ciência da imunização.

Os avanços na Obstetrícia, além de estabelecerem essa área da Medicina como um ramo à parte, contribuíram para o declínio significativo das taxas de mortalidade infantil. Em Londres, por exemplo, a taxa de mortalidade em relação a crianças com menos de cinco anos caiu de 74,5% entre os anos 1730-49 para 31,8% entre os anos 1810-29[16].

A Filosofia amadureceu nos anos de 1700, assentando no decurso desse período o conjunto de concepções que predominou na Era Moderna: naturalismo, razão e ciência, *tabula rasa*, individualismo e liberalismo.

O Iluminismo representou não só a disseminação dessas ideias nos círculos intelectuais como sua tradução na prática. Consequentemente, os indivíduos foram se tornando mais livres, mais ricos, mais longevos e passaram a usufruir de mais conforto material do que em qualquer outro momento da história.

Diagrama 1.1. A visão iluminista



* 1764 Beccaria, *Dos delitos e das penas* Anos de 1780: Termina na Europa a queima de bruxas 1784 Sociedade Americana para a Abolição da Escravidão 1787 Sociedade Britânica para a Abolição do Tráfico de Escravos 1788 Societé des Amis des Noirs (França) 1792 Wollstonecraft, *Reivindicação dos direitos da mulher*

Pós-modernismo versus Iluminismo

O Pós-modernismo repudia todos os fundamentos do Iluminismo. Afirma que as premissas modernistas do Iluminismo eram, desde o início, insustentáveis e que hoje suas manifestações culturais perderam completamente a força. Embora o mundo moderno continue a falar em razão, liberdade e progresso, suas patologias indicam uma outra coisa.

A crítica dos pós-modernistas a essas patologias se apresenta como o réquiem do Modernismo: "Os estratos mais profundos da cultura ocidental" foram expostos, argumenta Foucault, e "mais uma vez se movem sob nossos pés"[17].

Na mesma linha, Rorty afirma que a tarefa do Pós-modernismo é descobrir o que fazer "agora que a idade da fé e o Iluminismo parecem irrecuperáveis"[18].

Os pós-modernistas rejeitam o projeto do Iluminismo desde a sua base, ou seja, atacando seus temas filosóficos essenciais. Repelem a razão e o individualismo sobre os quais se apoia todo o universo iluminista. E finalizam atacando todas as consequências da filosofia iluminista, desde o capitalismo e as formas liberais de governo até a ciência e a tecnologia.

Os fundamentos do Pós-modernismo são antagônicos aos do Modernismo. Em vez da realidade natural, o antirrealismo. Em vez da experiência e da razão, o subjetivismo sociolinguístico. Em vez da identidade visual e da autonomia, o racismo, o sexismo, o classismo e outros "ismos". Em vez da concepção de que os interesses humanos são fundamentalmente harmoniosos e tendem a uma interação mutuamente benéfica, destacam o conflito e a opressão. Em vez de ressaltar o mérito do individualismo nos valores, nos mercados e na política, defendem o comunalismo, a solidariedade e as restrições igualitárias. Em vez de apreciarem as realizações da ciência e da tecnologia, nutrem acerca delas uma suspeita que tende à franca hostilidade.

Esse abrangente antagonismo filosófico permeia os temas pós-modernos mais específicos nos diversos debates acadêmicos e culturais.

Quadro 1.2. Definição de Pré-modernismo, Modernismo e Pós-modernismo

	Pré-modernismo	Modernismo	Pós-modernismo
Metafísica	Realismo: suprarrealismo	Realismo: naturalismo	Antirrealismo
Epistemologia	Misticismo e/ou fé	Objetivismo: experiência e razão	Subjetivismo social
Natureza humana	Pecado original; submissão à vontade de Deus	*Tabula rasa* e autonomia	Construção social
Ética	Coletivismo: altruísmo	Individualismo	Coletivismo: igualitarismo
Política e Economia	Feudalismo	Capitalismo liberal	Socialismo
Quando e onde	Idade Média	Iluminismo; século 20: ciências, atividades comerciais, áreas técnicas	Final do século 20: ciências humanas e profissões relacionadas a elas

Temas acadêmicos pós-modernos

A crítica literária pós-moderna rejeita a noção de que os textos literários têm interpretações e significados verdadeiros. Qualquer pretensão de objetividade e verdade pode ser desconstruída.

Em uma das versões de desconstrução, representada por aqueles que concordam com a citação de Fish, mencionada na página 12, a crítica literária é tratada como uma forma de jogo subjetivo em que o leitor despeja no texto associações subjetivas. Em outra versão, a objetividade é substituída pela concepção de que a raça e o sexo do autor, ou qualquer outro grupo ao qual ele pertença, moldam profundamente suas opiniões e sentimentos. Portanto, a tarefa da crítica literária é desconstruir o texto de modo a revelar a raça, o sexo ou os interesses de classe do autor.

Os autores e personagens que menos incorporam as atitudes corretas estão sujeitos, naturalmente, a uma desconstrução maior. Nathaniel Hawthorne, por exemplo, em *A letra escarlate*, parece no mínimo ambivalente com respeito à condição moral de Hester Prynne, e essa ambivalência revela sua aderência a uma instituição religiosa masculina, repressora, autoritária e conformista[19]. Do mesmo modo, pode-se pensar que Herman Melville, em *Moby Dick*, explora os temas universais da ambição pessoal e social, do homem e da natureza, mas o que o Capitão Ahab realmente representa é o autoritarismo explorador do patriarcalismo imperialista e o insano recurso à tecnologia para dominar a natureza[20].

No campo do Direito, as versões do pragmatismo jurídico e da teoria crítica do Direito personificam essa nova onda. Segundo a versão pragmatista do Pós-modernismo, qualquer teoria abstrata e universal do Direito deve ser desacreditada. O mérito das teorias reside tão somente em municiarem o advogado e o juiz com ferramentas verbais úteis[21].

Os critérios de utilidade, contudo, são subjetivos e variáveis, e assim o mundo jurídico se torna um campo de batalha do Pós-modernismo. Como não existem princípios legais de justiça que sejam válidos, os argumentos passam a consistir em batalhas retóricas das vontades. Os teóricos da crítica do Direito representam a versão de raça, classe e sexo do pós-modernismo jurídico. De acordo com esses teóricos, as constituições e os precedentes jurídicos são essencialmente indeterminados, e a chamada objetividade e neutralidade do raciocínio jurídico é uma fraude. Todas as decisões são inerentemente subjetivas e motivadas por preferências e pela política. A lei é uma arma a ser usada na arena social do conflito subjetivo, uma arena movida por vontades antagônicas e pela asserção coercitiva dos interesses de um grupo sobre os de outros grupos.

No Ocidente, a lei tem sido, há longo tempo, um abrigo para a afirmação dos interesses dos homens brancos. O único antídoto para esse veneno é a asserção igualmente contundente dos interesses subjetivos dos grupos historicamente oprimidos. Stanley Fish

endossa a conduta pragmatista e as posturas da teoria crítica do Direito ao argumentar que, se advogados e juízes se reconhecessem mais como "suplementadores" que "textualistas", ficariam assim "marginalmente mais livres para infundir no Direito Constitucional suas interpretações correntes acerca dos valores da nossa sociedade"[22].

Na Educação, o Pós-modernismo rejeita a noção de que o propósito da educação é, antes de tudo, treinar a capacidade cognitiva da criança para o raciocínio, a fim de produzir um adulto capaz de funcionar com independência no mundo. Essa visão é substituída pela concepção de que a Educação consiste em dar uma identidade social a um ser essencialmente indeterminado[23]. O método utilizado para moldar a Educação é linguístico e, portanto, a linguagem a ser empregada é aquela capaz de criar um ser humano sensível a sua identidade racial, sexual e de classe.

No entanto, nosso presente contexto social se caracteriza pela opressão que beneficia brancos, homens e ricos, à custa dos demais. Essa opressão, por sua vez, leva a um sistema educacional que reflete apenas, ou principalmente, os interesses daqueles que ocupam posições de poder.

Para se contrapor a esse viés, a prática educacional precisa ser totalmente remodelada. A Educação pós-moderna deve enfatizar trabalhos realizados fora dos cânones; deve concentrar-se nas realizações de não brancos, mulheres e pobres; deve ressaltar os crimes históricos cometidos por brancos, homens e ricos; e deve ensinar aos alunos que o método da ciência não é mais qualificado do que qualquer outro à pretensão de chegar à verdade e, portanto, os alunos devem ser igualmente receptivos aos meios de conhecimento alternativos[24].

Temas culturais pós-modernos

São estes os temas acadêmicos que permeiam nossos debates culturais mais específicos: ❒ O cânon ocidental dos clássicos literários é uma destilação dos melhores livros do Ocidente, refletindo um debate multifacetado, ou é ideologicamente restrito, exclusivo e intolerante?

❒ Cristóvão Colombo foi um herói moderno que uniu dois mundos para benefício de ambos, ou foi um batedor insensível e arrogante do imperialismo europeu que, lançando mão de tropas armadas, forçou as culturas nativas a engolirem a religião e os valores europeus?

❒ Os Estados Unidos da América são uma nação progressista que cultiva a liberdade, a igualdade e a garantia de oportunidades para todos, ou são sexistas, racistas e classistas que utilizam, por exemplo, o mercado de massa da pornografia e barreiras à ascensão das mulheres para mantê-las no seu lugar?

❒ Nossa ambivalência com respeito aos programas de ação afirmativa reflete um forte desejo de sermos justos com todas as partes, ou esses programas não passam de um osso cinicamente atirado às mulheres e às minorias até que se mostrem subservientes, quando então ocorre uma reação violenta por parte do *status quo*?

❒ Os conflitos sociais devem ser neutralizados, reforçando-se o princípio de que os indivíduos devem ser julgados de acordo com seus méritos individuais e não com base em características moralmente irrelevantes, como raça ou sexo, ou as identidades de grupo devem ser afirmadas e comemoradas, e aqueles que se negam a fazer isso deveriam ser submetidos a um treinamento compulsório da sensibilidade?

❒ A vida no Ocidente, especialmente nos Estados Unidos, está melhorando, com o aumento crescente das taxas médias de longevidade e riqueza a cada geração, ou os Estados Unidos abandonaram a classe baixa urbana e fomentaram a cultura consumista superficial dos *shopping centers* e o crescimento urbano descontrolado?

❒ O Ocidente liberal está liderando o restante do mundo para um futuro mais próspero e livre, ou sua ingerência coercitiva na política estrangeira e seu controle dos mercados financeiros internacionais estão exportando seus McJobs para as nações não ocidentais, enclausurando-as no sistema e destruindo as culturas nativas?

❒ A ciência e a tecnologia são benéficas para todos, pois ampliam nosso conhecimento do universo e tornam o mundo mais saudável, limpo e produtivo, ou a ciência trai seu elitismo, sexismo e sua destrutividade ao fazer da velocidade da luz o fenômeno mais rápido, injustamente privilegiando-a sobre outras velocidades; ao escolher o símbolo fálico "i" para representar a raiz quadrada de um número negativo; ao afirmar seu desejo de "conquistar" a natureza e "penetrar" seus segredos; e, tendo feito isso, usar a tecnologia

para consumar o estupro, construindo mísseis cada vez maiores e de longo alcance para mandar as coisas pelos ares?

O liberalismo, os mercados livres, a tecnologia e o cosmopolitismo, de maneira geral, são realizações sociais das quais todas as culturas podem usufruir, ou as culturas não ocidentais, vivendo com simplicidade e em harmonia com a natureza, são superiores? E será que o Ocidente, em sua arrogância, não é capaz de enxergar esse fato e, sendo elitista e imperialista, impõe seu capitalismo, ciência e tecnologia, bem como sua ideologia, a outras culturas e a um ecossistema cada vez mais frágil?

Por que o Pós-modernismo?

O que confere a todos esses debates o caráter pós-moderno não são as discussões vigorosas e acaloradas, mas sim o fato de que seus termos mudaram.

Os debates modernos giravam em torno da verdade e da realidade, da razão e da experimentação, da liberdade e da igualdade, de justiça e paz, de beleza e progresso. No contexto pós-moderno, esses conceitos sempre aparecem entre aspas. Seus representantes mais vociferantes contam-nos que "Verdade" é um mito. "Razão" é um construto eurocêntrico, de homens brancos. "Igualdade" é um artifício para mascarar a opressão. "Paz" e "Progresso" confrontam-se com velhas e cínicas demonstrações de poder — ou com ataques explícitos *ad hominem*.

Os debates pós-modernos exibem, assim, uma natureza paradoxal. Todos professam, por um lado, os temas abstratos do relativismo e do igualitarismo. Esses temas assumem formas éticas e epistemológicas. A objetividade é um mito; não existe Verdade, nenhuma Maneira Certa de interpretar a natureza ou um texto. Todas as interpretações são igualmente válidas. Os valores são produtos socialmente subjetivos. Culturalmente falando, portanto, não há valores, em nenhum grupo, que mereçam crédito especial. Todos os modos de vida são legítimos, de afegãos a zulus.

Coexistindo com esses temas relativistas e igualitaristas, ouvimos, por outro lado, os acordes profundos do cinismo. Os princípios da civilidade e da justiça processual servem apenas para encobrir a hipocrisia e a opressão oriundas de relações de poder assimétricas; são máscaras que devem ser burladas com armas físicas e verbais toscas: argumentos *ad hominem*, táticas de choque agressivas e jogos de poder igualmente cínicos. As divergências são respondidas não com argumentos, com o benefício da dúvida, com a expectativa de que a razão prevaleça, mas com assertivas, animosidade e uma disposição para recorrer à força.

O Pós-modernismo, portanto, é um movimento cultural e filosófico abrangente. Identifica seu alvo — o Modernismo e sua concretização no Iluminismo e seu legado — e arma-se com argumentos potentes contra todos os seus elementos essenciais.

A existência de qualquer movimento cultural proeminente suscita questões relacionadas com a história intelectual. No caso do Pós-modernismo, os avanços ocorridos separadamente em muitas esferas intelectuais — sobretudo em epistemologia e política, mas também na metafísica, nas ciências físicas e na compreensão da natureza e dos valores humanos — encontraram-se na metade do século 20.

Entender como se desenvolveram essas vertentes independentes, e como e por que elas acabaram entrelaçando-se, é essencial para compreender o Pós-modernismo.

Por que, por exemplo, os argumentos céticos e relativistas têm o poder cultural de que

hoje desfrutam? Por que têm esse poder nas ciências humanas, mas não nas demais ciências? Por que os temas da exaustão, do niilismo e do cinismo ganharam o predomínio cultural que têm? E como é possível que esses temas intelectuais coexistam com uma cultura mais ampla e também mais rica, mais livre e mais vigorosa do que qualquer outra que já existiu? Por que é que os principais pensadores pós-modernos são politicamente de esquerda — na maioria dos casos, de extrema esquerda? E por que esse proeminente segmento da esquerda — a mesma esquerda que tradicionalmente defendeu suas posições com os princípios modernistas da razão, da ciência, da justiça para todos e do otimismo — professa hoje os temas da antirrazão, da anticiência, do "vale tudo no amor e na guerra" e do cinismo?

O Iluminismo remodelou o mundo inteiro, e o Pós-modernismo espera fazer o mesmo.

Dar forma a essa ambição e desenvolver argumentos capazes de levar um movimento a concretizá-la tem sido o trabalho de muitos indivíduos por várias gerações.

Os pós-modernistas contemporâneos do segundo escalão, quando buscam apoio filosófico, citam Rorty, Foucault, Lyotard e Derrida. Essas figuras, por sua vez, quando buscam apoio filosófico de peso, citam Martin Heidegger, Ludwig Wittgenstein, Friedrich Nietzsche e Karl Marx — os críticos mais acerbos do mundo moderno e suas vozes mais proféticas sobre os novos rumos. Eles, a seu turno, citam Georg Hegel, Arthur Schopenhauer, Immanuel Kant e, com menos frequência, David Hume.

Assim, as raízes e o ímpeto inicial do Pós-modernismo são profundos. A batalha entre o Modernismo e as filosofias que levaram ao Pós-modernismo ganhou adeptos no apogeu do Iluminismo. Conhecer a história dessa batalha é essencial para se entender o Pós-modernismo.

---

[1]Foucault, 1988, p. 11.

[2]Foucault, maio de 1993, p. 2.

[3]Rorty, 1989, p. 7-8.

[4]Foucault, 1965, p. 95.

[5]Fish, 1980, p. 180.

[6]Lyotard, em Friedrich, 1999, p. 46.

[7]Lentricchia, 1983, p. 12.

[8]Dworkin, 1987, p. 63, 66.

[9] MacKinnon, 1993, p. 22.

[10]Lyotard, 1997, p. 74-75.

[11]Foucault, 1977b, p. 210.

[12]Derrida, 1995; ver ainda Lilla, 1998, p. 40. Foucault também formula sua análise em termos marxistas: "Rotulo de político tudo que tenha a ver com luta de classes, e de social tudo que derive e seja consequência da luta de classes que se expressa nas relações e nas instituições humanas" (1989, p. 104).

[13] O termo "Pré-modernismo", no sentido aqui utilizado, exclui as tradições clássicas (grega e romana) e tem como referência o modelo intelectual que predominou no período de 400 d.C. a 1300 d.C., aproximadamente. O cristianismo do imperador Augusto foi o centro de gravidade intelectual do pré-modernismo. Mais tarde, durante a Idade Média, o tomismo buscou associar o cristianismo à filosofia naturalista de Aristóteles. Consequentemente, a filosofia tomista solapou a síntese pré-moderna e ajudou a abrir as portas para o Renascimento e a modernidade.
Sobre o uso de "Modernismo" aqui, ver também White (1991, p. 2-3), que estabelece um vínculo semelhante entre razão, individualismo, liberalismo, capitalismo e progresso como elementos essenciais do projeto da modernidade.

[14] A aplicação da razão e do individualismo à religião levou ao declínio da fé, do misticismo e da superstição. Graças a isso, as guerras religiosas finalmente arrefeceram, até que na década de 1780 já não se queimavam bruxas na Europa (Kors & Peters, 1972, p. 15).

[15] Em dólares americanos de 1970 (Nardinelli, 1993).

[16]Hessen, 1962, p. 14; ver também Nardinelli, 1990, p. 76-79.

[17]Foucault, 1966/1973, p. xxiv.

[18]Rorty, 1982, p. 175. Ver também John Gray: "Vivemos hoje em meio às ruínas obscuras do projeto iluminista, que foi o projeto que norteou o período moderno" (1995, p. 145).

[19] Hoffman, 1990, p. 14-15, 28.

[20] Schultz, 1988, p. 52, 55-57.

[21] Schultz, 1988, p. 52, 55-57.

[22]Fish citando Thomas Grey (Fish, 1985, p. 445).

[23]Golden, 1996, p. 381-382.

[24]Mohanty, 1980, p. 185.